

# Análise crítica do noticiário sobre as eleições nos jornais paulistas (séc. XIX, XX e XXI)

(Critical Analysis of the Newscast on the elections in São Paulo newspapers (19<sup>th</sup>, 20<sup>th</sup> and 21<sup>st</sup> centuries)

Fábio Fernando Lima<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo (USP)

fabiof@usp.br

**Abstract:** This article presents the results of a research that aims at investigating, analysing and describing the structures responsible for the establishment of interpersonal relationships and their intersections with persuasion. The data consisted of articles taken from São Paulo newspapers published from the late 19<sup>th</sup> century to the beginning of 21<sup>st</sup> century, establishing as criterion for the selection publications related to elections, observing in this context the expression of ideologies and the search for the establishment of certain consensus.

**Keywords:** persuasion, interpersonal relationship, Critical Discourse Analysis.

Resumo: Neste artigo, buscaremos apresentar os resultados de um estudo que se propõe a investigar, analisar e descrever as estruturas responsáveis pelo estabelecimento das relações interpessoais e as intersecções destas com a persuasão no noticiário dos jornais paulistas desde o final do século XIX até o início do século XXI, estabelecendo, como recorte, as publicações relacionadas à temática das eleições e observando, nesse contexto, a manifestação de ideologias e a busca pelo estabelecimento de determinados consensos.

**Palavras-chave:** persuasão, relações interpessoais, Análise Crítica do Discurso.

## Introdução

Foi apenas recentemente, com o final da ditadura militar (1964-1985) e a redemocratização, que os jornais paulistas de maior circulação passaram a assumir, como premissas para suas linhas editoriais, a busca por um “jornalismo crítico”, “apartidário” e “pluralista”.<sup>1</sup> Isso porque, desde os seus primórdios e muito antes do engajamento com a luta pelas eleições diretas, tais veículos estiveram fortemente aliados a determinados partidos políticos: *A Província de S. Paulo*, ao longo da década de 1880 e, mesmo após a Proclamação da República, já com o nome de *O Estado de S. Paulo*, ao Partido Republicano Paulista (PRP); posteriormente, durante a Era Vargas, à oposição ao regime e, durante a República Nova (1946-1964), à União Democrática Nacional. Caminho semelhante foi trilhado pela “Folha da Manhã/Folha da Noite”, antecessores do “Folha de S. Paulo”, que logo após a sua criação<sup>2</sup> apoiam a candidatura de Júlio Prestes, do PRP, nas eleições presidenciais de 1930, a última realizada sob a República Velha, contra o então candidato da Aliança Liberal, Getúlio Vargas, mantendo-se na oposição durante todo o Estado Novo.

No entanto, apesar do discurso consensual, adotado pelas mídias contemporâneas, a propósito da necessidade de uma cobertura imparcial dos fatos, partimos do princípio de

1 Cf. Folha de São Paulo. Projeto Editorial 1985-1986. Novos rumos: Depois da redemocratização. Julho de 1985.

2 A emergência do “Folha da Noite” e “Folha da manhã” remonta ao ano de 1921.

que essa tarefa esbarra nas próprias condições de produção do texto. Isso porque, de acordo com a vertente teórica que fundamenta esta pesquisa, propriamente a Análise Crítica do Discurso, os sentidos não são dados *a priori*, mas construídos por indivíduos ou grupos que, enquanto sujeitos sócio-históricos, elaboram e interagem com textos produzidos a partir de contingências atreladas a estruturas e processos sociais, dos quais tomam parte.

Nessa perspectiva, o jornalista escreve enquanto representante profissional de determinada instituição de comunicação e, ao mesmo tempo, enquanto membro de um determinado grupo social, postura esta que, conforme assinala Van Dijk (2008), molda suas cognições sociais, suas ideologias e, por conseguinte, o processamento de informações acerca do fato a ser noticiado.

Para Charaudeau (2006, p. 221), “a reportagem jornalística trata de um fenômeno social ou político, tentando explicá-lo”. Nesse processo, espera-se sempre do jornalista uma reportagem que esteja o mais próximo possível da realidade do fenômeno e, ao mesmo tempo, “que demonstre imparcialidade, isto é, que sua maneira de perguntar e de tratar as respostas não seja influenciada por seu engajamento, por se tratar de um jornalista” (p. 222). No entanto, o autor assinala ser essa tarefa um tanto impossível, na medida em que toda construção de sentido depende de um ponto de vista particular. Assim, segundo o autor, a parcialidade faz-se inclusive necessária, uma vez que todo procedimento de análise implica tomada de posição.

De acordo com Charaudeau (2006), a mídia, de modo geral, transforma um acontecimento em notícia interpretada por um jornalista que organiza seu discurso de acordo com o público-alvo do jornal em que trabalha. Esse discurso, muitas vezes camuflado por meio de diversas estratégias, corresponde à possibilidade de se propagar uma crença, legitimando o poder dos grupos dominantes.

Tal posição, que confere ao jornalista um lugar de destaque nas estruturas de poder ideológico da sociedade moderna, encontra respaldo em Bordieu (1991). Para o autor, os jornalistas pertencem às chamadas “elites simbólicas”, detentoras do “capital simbólico” e responsáveis pelo controle dos modos de produção e articulação da fala e escrita pública. Por possuírem relativa liberdade, detêm relativo poder para tomar decisões sobre gêneros textuais dentro de seu domínio de poder e determinar tópicos, estilo ou forma de apresentação de um discurso.

A preocupação com a manipulação nesses contextos deve-se, sobretudo, à abrangência do poder exercido pelos jornais – e, por conseguinte, pelos grupos empresariais que os controlam – sobre a formação da opinião pública e os resultados do próprio processo eleitoral. Para Van Dijk (2008), os textos impressos veiculados pelos meios de comunicação de massas são os mais penetrantes e influentes. Citando as pesquisas elaboradas por Robinson e Levy (1986 apud VAN DIJK, 2008) e Bruhn Jensen (1986 apud VAN DIJK, 2008), o autor afirma que, “ao contrário da crença popular e do senso comum entre os estudiosos, as notícias na imprensa são mais bem lembradas que as notícias na televisão e são percebidas como qualitativamente superiores, o que pode ampliar sua influência persuasiva e, portanto, seu poder” (VAN DIJK, 2008, p. 73).

## A opção pela Análise Crítica do Discurso

Apesar de os textos produzidos no jornalismo impresso terem sido amplamente analisados em correntes diversas da Linguística, tal como a Análise do Discurso de Linha Francesa, o espectro que reserva como objetivo central a abordagem e descrição das maneiras pelas quais o poder e o controle ideológico são manifestos na linguagem foi estabelecido com a emergência da Análise Crítica do Discurso (ACD), baseada em uma concepção da linguagem como parte *verdadeiramente* integrante e irreduzível da vida social, dialeticamente interconectada a outros elementos sociais (cf. FAIRCLOUGH, 2001). A partir dessa ótica, delineou-se uma proposta de “mapear” relações entre recursos linguísticos utilizados por grupos de atores sociais e aspectos da rede de práticas sociais em que a interação discursiva se insere.

De um modo geral, a ACD apresenta-se como um campo de investigação interessado em propor uma teoria e um método para descrever, interpretar e explicar as relações estruturais, transparentes ou veladas, de poder e controle manifestos na linguagem (cf. WODAK, 2004). Assume-se, como ponto central, a análise das maneiras pelas quais “o discurso contribui para a reprodução da desigualdade e da injustiça social, determinando quem tem acesso a estruturas discursivas e de comunicação aceitáveis e legitimadas pela sociedade” (VAN DIJK, 1994, p. 4-5).

Considerando os grupos dominantes como aqueles que detêm o controle dos grandes veículos de comunicação, bem como o acesso à manipulação e ao uso de estratégias discursivas de dominação, em um cenário no qual a linguagem ocupa o centro do modo de produção do sistema capitalista (cf. HABERMAS, 1984), tem-se, de acordo com Van Dijk, que

O discurso e a comunicação se convertem então nos recursos principais dos grupos dominantes. Por meio de um estudo do discurso, pode-se conseguir compreender os recursos de dominação utilizados pelas elites, pois estas têm um controle específico sobre o discurso público. É um poder que permite controlar os atos dos demais, define quem pode falar, sobre o que e quando. Considero que o poder das elites é um poder discursivo uma vez que, por meio da comunicação, há o que se denomina “*uma manufatura do consenso*”: trata-se de um controle dos atos linguísticos por meio da persuasão, a maneira mais moderna e última de exercer o poder. Os atos são intenções e, controlando as intenções, se controlam, por sua vez, os atos. Existe então um controle mental através do discurso. (VAN DIJK, 1994, p. 6)

Esse segmento permite que observemos uma integração entre a ACD e a Retórica, que está colocada como “a maneira mais moderna de exercício do poder”. O autor considera que, por meio da *persuasão* e *manipulação*, dominam-se as mentes das pessoas, as quais, por sua vez, controlam as ações. Em suas palavras,

[...] o poder moderno é aquele que se exerce por meio do controle mental, maneira indireta de controlar os atos dos outros. O poder moderno consiste em influenciar os outros por meio da persuasão para conseguir que façam o que se quer. Os grupos que têm acesso a essas formas de poder e controle social são geralmente aqueles que têm sido legitimados e têm acesso ao discurso público. [...] O discurso é poder e a persuasão é o maior controlador dos atos linguísticos na modernidade. (VAN DIJK, 1994, p. 10-11)

No entanto, apesar de toda a importância conferida à argumentação, não encontramos, na literatura corrente, um modelo capaz de amalgamar definitivamente os aspectos retóricos

com a análise e interpretação da linguagem em contexto sócio-histórico. É visando a suprir essa lacuna que propomos, para a abordagem da persuasão no noticiário da imprensa escrita paulista acerca das eleições presidenciais brasileiras, estabelecer pontos de contato entre a Teoria Social do Discurso, elaborada por Fairclough (1997, 2007), e a Nova Retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996).

Tendo em vista a constituição de uma abordagem teórica multidirecional capaz de sintetizar, ao mesmo tempo, as concepções de discurso com orientação social e linguística, Fairclough faz uso, no que se refere à orientação linguística de sua teoria, da Linguística Sistêmico Funcional de Halliday (2001).

Na realidade, Fairclough (2007) concebe o discurso como uma prática social inserida em uma estrutura social mais ampla, materializado por textos que podem cumprir determinadas finalidades, tais como mudanças nos sistemas de conhecimentos, crenças, posicionamentos, valores, tanto no que se refere aos atores sociais em atividade discursiva quanto no que diz respeito ao mundo material. Evoca, dessa maneira, uma perspectiva funcionalista da linguagem, na medida em que esta postula que a língua possui funções externas ao sistema e que essas mesmas funções são as responsáveis pela organização interna do sistema linguístico.

De acordo com Fairclough (2001), pode-se distinguir três aspectos construtivos do discurso: a construção das identidades sociais e posições do sujeito; a construção das relações sociais entre as pessoas e, por fim, de sistemas de conhecimento e crenças. Em suas palavras

[...] esses três efeitos correspondem respectivamente a três funções da linguagem e a dimensões de sentido que coexistem e interagem em todo discurso – o que denominarei as funções da linguagem ‘identitária’, ‘relacional’ e ‘ideacional’. A função identitária relaciona-se aos modos pelos quais as identidades sociais são estabelecidas no discurso, a função relacional a como as relações sociais entre os participantes do discurso são representadas e negociadas, a função ideacional aos modos pelos quais os textos significam o mundo e seus processos, entidades e relações. As funções identitária e relacional são reunidas por Halliday como a função interpessoal. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91-92)

Cumprir registrar que Halliday (2001), ao analisar a língua em situação de uso, alia contexto e estrutura social à produção discursiva mediante três metafunções derivadas do contexto, propriamente *campo*, *relação*<sup>3</sup> e *modo*, definidas, respectivamente, de uma maneira muito geral, como a atividade em que os participantes estão engajados, os próprios participantes e as relações estabelecidas entre eles e a maneira pela qual os significados são realizados – significados que atualizam as funções ideacional, interpessoal e textual no discurso.

Fairclough (1997, 2001, 2007) reformula a teoria hallidayana de acordo com os parâmetros da ACD, concebendo o discurso como um nível intermediário entre o texto em si e o contexto/estrutura social, atravessado por gêneros (modos de agir), estilos (modos de ser) e discursos (modos de representar) específicos. Assim, os gêneros relacionam-se à função textual e à função interpessoal de Halliday (2001), no que tange ao estabelecimento de relações sociais; os estilos abarcam o aspecto de construção de identidades

---

3 Anteriormente denominado *teor*.

subjetivas no discurso, o que também integra a função interpessoal; e os discursos ou representações equivalem à função ideacional.<sup>4</sup>

Nessa perspectiva, os discursos, como elementos de representação e, portanto, campo do desenvolvimento ideológico, instanciam gêneros e estilos determinados, que, por sua vez, são representados em discursos, configurando uma relação dialética entre esses elementos.

Para efeitos deste trabalho, iremos nos deter nos aspectos interpessoais das notícias analisadas e buscaremos relacioná-los ao desencadeamento de determinadas estratégias argumentativas, as quais estão devidamente elencadas no Tratado da Argumentação (cf. PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996). Isso porque tais categorias permitem observar exatamente as maneiras pelas quais o jornalista/escritor, inserido em um determinado contexto sócio-cognitivo, tanto atribui determinadas identidades sociais aos atores designados em seu texto quanto expressa seus posicionamentos e julgamentos, buscando, sempre, de acordo com as premissas aqui assumidas, influenciar e levar o leitor a assumir esse mesmo ponto de vista. É por meio da função interpessoal que são instanciadas as relações pessoais e sociais dos participantes dos eventos discursivos, tanto no aspecto de sua configuração identitária como da sua relação com os outros atores sociais envolvidos no processo.

No que diz respeito ao que foi descrito no parágrafo anterior, faz-se importante acrescentarmos que os estudos englobados pela ACD valem-se não apenas dos aspectos gramaticais concernentes ao modo e modalidade estabelecidos por Halliday (2001) para a mencionada função, mas também das contribuições advindas de outros estudiosos que têm trabalhado de perto com a proposta hallidayana, os quais não apenas aplicaram essa teoria, mas também a complementaram ou, inclusive, participaram de sua elaboração. No entanto, para a pesquisa que aqui delineamos, levaremos em conta a proposta de análise apresentada por Martin e White (2005), cujo mérito reside em sintetizar todos os estudos mencionados e propor uma categorização ainda mais abrangente dos mecanismos lingüísticos acionados para o estabelecimento das relações interpessoais.

Partindo do modelo apresentado por Fairclough e buscando justamente integrar a metafunção interpessoal da teoria hallidayana à Análise Crítica do Discurso, os autores apresentam uma proposta toda centrada na abordagem da valoração, instrumentalizada com vistas a analisar, de forma sistemática, como a avaliação e a perspectiva operam em textos. De acordo com White (2004, p. 177),

[...] a abordagem está interessada nas funções sociais desses recursos, não simplesmente como formas através das quais falantes/escritores individuais expressam seus sentimentos e posições, mas como meios que permitem que os indivíduos adotem posições de valor determinadas socialmente, e assim se filiem, ou se distanciem, das comunidades de interesse associadas ao contexto comunicacional em questão.

Dessa maneira, tais estudos se voltam para a constituição de categorias sócio-semióticas relacionadas à construção da intimidade, da distância, do envolvimento, da identidade e da autoridade discursivas, realizadas, linguisticamente, por meio de recursos avaliativos. Segundo os autores, a *atitude*, o *engajamento* e a *gradação* podem ser concebidos

---

4 Para o autor, a transitividade verbal está vinculada à representação das ideias ou experiências humanas e, por isso mesmo, constitui-se no elemento característico para análise do componente ideacional.

como fenômenos linguísticos que atualizam posicionamentos intersubjetivos dos atores sociais em interação.

De acordo com esse ponto de vista, a *atitude* abrange significados graduáveis por meio dos quais o falante/escritor avalia entidades, estados de coisas e acontecimentos negativa ou positivamente. É subdividida em *afeto* (reações afetivas diante de uma situação ou comportamento específico), *juízo* (avaliações acerca da capacidade, normalidade, tenacidade, propriedade e veracidade dos comportamentos ou atitudes humanas e/ou institucionais) e *apreciação* (avaliações de caráter estético acerca de elementos concretos da realidade, como objetos, ou de risco e importância, no que tange a nominalizações - processos, eventos, entidades abstratas).

A *gradação*, por seu turno, está relacionada ao modo pelo qual os falantes/escritores maximizam ou minimizam a força de suas asserções, tornando nítidas ou ofuscadas as categorizações semânticas com as quais operam. O *engajamento*, por fim, constitui-se no componente por meio do qual o autor se posiciona em relação a seu enunciado e aos enunciados potenciais de outros atores sociais envolvidos na interação. Como centro dessas categorias, a idéia de acordo com a qual todo enunciado é visto como posicionado. Trata-se de uma categoria calcada na noção de heteroglossia ou heterogeneidade constitutiva do círculo bakhtiniano, por meio da qual se objetiva descrever em que medida falantes/escritores avaliam as afirmações anteriores, qual o peso dessas afirmações em suas formulações e de que modo eles se engajam em relação a tais enunciados (em oposição, concordância, etc.).<sup>5</sup>

No entanto, Martín e White (2005) admitem que, para que o produtor do texto adquira, eficientemente, o comprometimento dos leitores e ouvintes, além das categorias apontadas, ele precisará contar com os argumentos dispostos e o processo persuasivo de maneira geral, embora esse aspecto não seja explorado pelos autores.

É visando a propor um enfoque mais amplo e adequado que buscaremos, ao analisar o noticiário sobre as eleições no século XIX e XX e compará-los brevemente ao do século XXI, observar em cada texto, correspondente a um período histórico determinado, como são processadas tais categorias e, paralelamente, apontar as maneiras pelas quais cada um desses elementos, responsáveis por acionar relações interpessoais com o leitor, acionam e se entrelaçam a determinadas estratégias argumentativas. Para o desenvolvimento dessa tarefa levamos ainda em consideração os estudos acerca da argumentação, particularmente aqueles que se apresentam como desdobramentos contemporâneos da Velha Retórica aristotélica, conforme se poderá observar na próxima seção.

## **Análise dos dados**

A emergência, em 1875, de *A Província de S. Paulo – O Estado de S. Paulo*, a partir da República – está intimamente relacionada aos interesses do Partido Republicano Paulista, podendo ser inclusive apontada, conforme assinala Bahia (1990, p. 76), como um desdobramento da Convenção republicana de Itu, de 1837, a qual previa manter um

---

<sup>5</sup> Apesar de não apresentar uma categorização propriamente dita, Van Dijk (2008, p. 52-53) adota um ponto de vista muito semelhante. Analisando as reportagens jornalísticas o autor afirma que as mesmas não apenas descrevem os eventos atuais e suas possíveis conseqüências, mas também procuram apresentar “cursos alternativos e indesejáveis da ação”, avaliando e, assim, buscando influenciar, pela via persuasiva, a ação futura dos indivíduos.

jornal que se apresentasse como órgão do partido. É assim que o jornal, dirigido em seus primórdios por um grupo de republicanos composto por fazendeiros, comerciantes, empresários e jornalistas, assume como premissas um programa republicano, democrático e federativo.

Quanto ao noticiário sobre as eleições propriamente dito, cumpre dizer, em primeiro lugar, que emerge de uma maneira bastante difusa, permeando diversos gêneros discursivos do jornalismo impresso. Paralelamente, observa-se que desde as eleições gerais de 1889 para a Câmara dos Deputados, a última realizada sob o império, passando pela Primeira República (1889 a 1930), os jornais adotam uma determinada posição partidária na arena política, e a argumentação estabelecida nesses materiais visa claramente a obter a adesão do leitor a este mesmo ponto de vista.

Na realidade, tais publicações ecoam os anseios da aristocracia de São Paulo da época, a qual passa a se expandir para o campo empresarial e político-administrativo. Como pano de fundo, a Revolução Industrial e a necessidade de se criar novos mercados consumidores. A dificuldade do Governo Imperial em satisfazer esta e outras demandas, mesmo após a abolição da escravatura, abre espaço para um consenso, na aristocracia, acerca da necessidade de substituição do governo monárquico por um governo Republicano (cf. VELOSO; MADEIRA, 2000).

O texto destacado a seguir, retirado do jornal *A Província de São Paulo*, dia 2 de agosto de 1889, é ilustrativo da maneira como as eleições eram tratadas nos jornais paulistas ao longo deste período:

(1) Monarchicos e Republicanos

As inconsequencias dos monarchicos, a falta de fê nas instituições e o apoio condicional que muitos lhes prestam mais por conveniencias pessoais que por julgal-as necessarias e uteis, levaram o paiz a este estado de incerteza, de perturbação e de anarchia.

Tomemos para exemplo a provincia de S. Paulo onde os tres partidos se batem com mais moralidade e cordura que em algumas outras. Liberaes, conservadores e republicanos disputam cargos da representação nacional e apresentam candidatos pelos nove districtos. O exemplo aqui é expressivo. Os liberaes, tolos governistas, dividem-se entretanto em federalistas com ou sem corôa, guardadas as reservas mentaes segundo a educação jesuitica, e federalistas sem a verdadeira significação do termo tecnologia politica, aptos para apoiar todas as nuanças do liberalismo. Representam o primeiro os candidatos do 1º e 6º districtos e o segundo, todos os dos outros districtos.

Mas aquelles mesmos não disseram ainda ás claras, com a precisa lealdade, o que pretendem, uma vez eleitos. O do primeiro embrulha-se em certas conveniencias partidarias e por ahi vai atravessando como um bom governista [...].

Só as candidaturas republicanas trazem a luz a esse cahos em que se debatem os monarchicos. Basta terem por programa a Republica para exprimir uma nova ordem de cousas, um systema de federação, o unico possivel, conforme o pensar de politicos eminentes como os srs. Ferreira Vianna, Andrade Figueira, Mendes de Almeida e outros.

A luta só pôde ser collocada neste terreno: ou federação com a Republica ou descentralização com a monarchia: de um lado republicanos e do outro monarchistas.

Deixa, porem, de ter razão de ser a diversidade de candidatos e portanto a legitimidade da candidatura do sustentador da monstruosidade que é a ruína da monarchia e de um erro que o illustre Sr. Presidente do conselho está obrigado a não deixar de ter effeito sob a sua responsabilidade de real monarchista. Como republicano, sim, s. exc. deve aceitar a federação porque só assim traduzirá a vontade soberana da nação consultada livremente. (APSP, 02/08/1889)

As marcas do(s) enunciador(es) claramente delineadas, aliadas à expressão de um determinado posicionamento a respeito do tema, confere ao texto uma natureza mais

próxima dos editoriais contemporâneos que do próprio noticiário. No entanto, ao longo de todo o processo eleitoral para as eleições gerais de 31 de agosto de 1889, é com esse tipo de texto, de caráter fortemente opinativo, que *A Província de São Paulo* aborda a temática das eleições.

No início do trecho em destaque, observamos que o enunciador procede a diversas avaliações, apresentando, nos termos de Martin e White (2005), julgamentos negativos acerca das propriedades e qualidades dos monarquistas (“*as inconsequencias dos monarchicos, a falta de fé nas instituições...*”), bem como avaliações negativas a propósito da ausência dos valores de honestidade e de lealdade (*o apoio condicional que muitos lhes prestam mais por conveniencias pessoaes que por julgal-as necessarias e uteis; não disseram ainda ás claras, com a precisa lealdade, o que pretendem, uma vez eleitos; embrulha-se em certas conveniencias partidarias e por ahi vai atravessando como um bom governista*).

A série de julgamentos assinalada instaura uma dissociação entre o enunciador que, no caso, representa o ponto de vista do próprio jornal, às práticas dos monarquistas no cenário político da época, abrindo espaço para, inversamente, ratificar na sequência a ótica republicana nessa mesma esfera, associando a posição do jornal a uma determinada posição política. Assim, de modo inverso, avaliações positivas quanto à capacidade e propriedade dos candidatos republicanos passam a ocupar o papel central (*Só as candidaturas republicanas trazem a luz a esse cahos em que se debatem os monarchicos. Basta terem por programa a Republica para exprimir uma nova ordem de cousas, um systema de federação, o unico possível*).

No plano argumentativo observamos que os recursos avaliativos desencadeiam a primazia dos argumentos que Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) denominam “pragmáticos”, especialmente do tipo causa e efeito (por exemplo, *as inconsequencias dos monarchicos [...] levaram o paiz a este estado de incerteza*), imiscuídos à fundamentação do real pelo recurso ao caso particular (*tomemos para exemplo a Provincia de S. Paulo*, dentre outros).

Note que, antes de passar à análise do programa republicano propriamente dito, o enunciador desqualifica a terceira via, os “liberais”, por meio de um argumento quase-lógico que, neste caso, pode ser definido, nos termos de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), como um argumento caracterizado pela “divisão do todo em suas partes” (*Os liberaes, tolos governistas, dividem-se entretanto em federalistas com ou sem coroa...*).

A relação entre meio e fim apresentada na sequência, responsável por sustentar um argumento baseado na estrutura do real, apresenta-se também como suporte, num âmbito maior, para um esquema quase-lógico que fundamenta um argumento de transitividade (*A luta só póde ser collocada neste terreno: ou federação com a Republica ou descentralização com a monarchia [...] Deixa, porem, de ter razão de ser a diversidade de candidatos e portanto a legitimidade da candidatura do sustentador da monstruosidade que é a ruína da monarchia [...]*).

O enunciado final do texto traz, indubitavelmente, o argumento mais forte que o jornalista pretende destacar. Nesse excerto, cumpre realçar que a modalidade deôntica positiva (*Como republicano, sim, s. exc. deve aceitar a federação*) adquire contornos autoritários, tendo em vista que o alvo da proposta é o Presidente do Conselho e os seus efeitos englobam a posição não só do próprio jornal, mas também de seus leitores, membros especialmente da aristocracia, refletindo, assim, uma estratégia interpessoal de envolvimento.

O argumento a seguir (*porque só assim traduzirá a vontade soberana da nação consultada livremente*) apresenta-se como um argumento de autoridade, mediante uma “voz” articulada que é colocada como “a vontade soberana de todo o povo”. Nessa perspectiva, o jornalista tanto julga positivamente a capacidade de um governo republicano de corresponder aos anseios da população como coloca o seu texto de um modo engajado, participativo e sedento por representar os anseios do leitor, configurando-se como a arma de comunicação da comunidade e criando — por meio desse vínculo e imagem — solidariedade com a instância leitora, de modo que esses julgamentos tenham teor positivo.

Nos casos em que é possível perceber um direcionamento maior do noticiário sobre as eleições para o eixo narrativo, observamos uma dedicação copiosa ao enaltecimento dos membros e, essencialmente, às candidaturas republicanas. Observe:

(2) **Boletim republicano**

**ADHESÃO IMPORTANTE**

Na cidade de Mococa acaba de aderir ao Partido Republicano o sr. Joaquim Justino de Figueiredo, fazendeiro naquelle município, cidadão que gosa de estima e sympathia de todos pelos seus meritos e pelas suas virtudes civicas e privadas.

O sr. Joaquim Justino de Figueiredo pertence á importante e numerosa familia Figueiredo, uma das mais distinctas e conhecidas no município pela influencia que nelle tem. (APSP, 02/08/1889)

Construções ainda muito próximas dos editoriais contemporâneos também são bastante comuns no decorrer da Primeira República (1889 a 1930), conforme se pode observar em (3):

(3) **O assalto a São Paulo**

**Attitude da Alliança Liberal commentada pela imprensa do Rio**

Rio 28 (A) – Sob o titulo “O asalto a S. Paulo” O Paiz escreve: antes de tocar o alvo que Ella possa pretender atingir, o assalto da imprensa da Alliança Liberal a S. Paulo apanha, em cheio, os interesses dos lavradores, dos commerciantes, dos industriaes, dos trabalhadores das cidades e do campo.

Todas as classes que labutam o produzem no grande Estado, aspirando uma justa remuneração dos seus esforços honestos e a uma prosperidade, cujo direito ninguem pode desconhecer ou recusar, todas essas classes são as primeiras a soffrer os damnos da campanha de descredito, que os jornaes da Alliança estão movendo contra a terra paulista.

Ninguem ignora que se acham alguns desses jornaes, precisamente os que se reputam mais fortes, muito approximados de agencias de deformações provadamente suspeitas ás consciencias mais serias do nosso paiz”.

Borda outros commentarios, em torno da campanha de descredito que se vem fazendo, e conclue: “Pois é isto que, assaltando S. Paulo, a Alliança quer destruir, está procurando anniquilar, mediante a diffamação impressa, com inevitavel e deprimente aliança no exterior. Mas nessa tristissima conjunctura, o que singularmente escandalisa e revolta é a collaboração enthusiasica e franca dos democraticos paulistas á empreitada de desmoralização de sua terra.

São elles talvez os mais aguerridos, os mais denodados entre os que, servindo á causa da Alliança Liberal, inventam e proclamam a bancarrota de S. Paulo e por entre expansões delirantes, celebram mentindo embora, a humilhação e a ruina da terra que os viu nascer e os acolheu e adoptou. Este prisma de diffamação nacional e internacional de S. Paulo é que é especialmente impressionante. E a Alliança, que deve estar satisfeita com a obra da sua imprensa, seria muito ingrata se não o estivesse ainda mais com a cooperação dos seus correligionarios, os democraticos paulistas” (FN, 28/01/1930).

Cumpra destacar que, ao trancrever integralmente o excerto publicado no jornal “O Paiz”, do Rio de Janeiro, encontramos um total engajamento por concordância, por parte da “Folha da Noite”, com as posições assumidas pelo mencionado jornal, francamente favoráveis aos republicanos paulistas e amplamente contrárias às causas da Aliança Liberal. Esse posicionamento é construído, nos termos de Martin e White (2005), mediante diversos “julgamentos de condenação social” à propaganda e, por conseguinte, ao próprio ideário da Aliança Liberal, sobretudo no que concerne a sua veracidade (a condições de sinceridade de determinados comportamentos) e propriedade (as condições éticas de determinados comportamentos) (*Ninguém ignora que se acham alguns desses jornaes, precisamente os que se reputam mais fortes, muito aproximados de agencias de deformações provavelmente suspeitas ás consciencias mais serias do nosso paiz; o que singularmente escandalisa e revolta é a collaboração entusiastica e franca dos democraticos paulistas á empreitada de desmoralização de sua terra; celebram mentindo embora, a humilhação e a ruina da terra que os viu nascer e os acolheu e adoptou*, dentre outros).

No plano argumentativo, as relações interpessoais estabelecidas no texto pelo(s) enunciador(es) são reforçadas, basicamente, por diversos argumentos pragmáticos, do tipo “causa e efeito” (*antes de tocar o alvo que Ella possa pretender attingir, o assalto da imprensa da Alliança Liberal a S. Paulo apanha, em cheio, os interesses dos lavradores, dos commerciantes, dos industriaes, dos trabalhadores das cidades e do campo; todas as classes que labutam [...] são as primeiras a soffrer os damnos da campanha de descredito; Pois é isto que, assaltando S. Paulo, a Alliança quer destruir, está procurando aniquilar, mediante a diffamação impressa*, dentre outros).

Uma ligação de coexistência entre o grupo e seus membros (considerando “os paulistas” como todo um grupo e os democráticos paulistas uma parcela dele) reforça, nas linhas finais do excerto em questão, a idéia que o enunciador quer destacar, propriamente a suposta falta de sinceridade e ética da propaganda e dos próprios apoiadores da candidatura de Getúlio Vargas.

Conforme aponta Bahia (1990, p. 138), a partir da década de cinquenta os jornais sofrem importantes reformas que abrangem, dentre outros aspectos, formato e composição. No que concerne aos gêneros discursivos, a subdivisão hoje conhecida em seções claramente delineadas, com as marcas características de cada uma delas, vão tomando forma. A opção marcada por determinadas posições na arena político-partidária, no entanto, mantêm-se, como se pode observar claramente em (4):

(4) **Borghi vai declarar hoje o seu apoio a Cristiano Machado**

**É pelo menos o que afirma o presidente do seu partido no Distrito Federal – Cristiano Machado entusiasmado com a recepção que lhe dispensaram as cidades do vale do Paraíba**

Viegas Neto

O sr. Cristiano Machado, que ontem iniciou sua campanha em São Paulo, percorrendo as cidades do Vale do Paraíba, embarcou esta manhã para Araraquara – ponto inicial do seu roteiro através do interior paulista. Os proceres pessedistas mal disfarçavam a intensa expectativa que cerca essa viagem, da qual depende, em grande parte, a votação que São Paulo possa dar ao seu candidato. A verdade, porém, é que se vem observando, nos últimos dias, uma sensível melhora, no que respeita às possibilidades da candidatura mineira. Ninguém, entretanto, parece mais otimista e mais seguro de um resultado eleitoral favorável, que o próprio sr. Cristiano Machado.

Durante o percurso feito ontem entre Moji das Cruzes e esta capital, tivemos oportunidade de conversar com o candidato pessedista. Avesso às entrevistas, pelo menos às entrevistas formais, com caderno

de notas e fotografia, demonstra o procer das Alterosas uma simpatia especial pela imprensa e esta sempre disposto – como ele proprio disse – a um batepapo com os seus representantes.

Dessa conversa de poucos minutos, o que se pode assegurar é que o sr. Cristiano Machado está positivamente encantado com a recepção que lhe proporcionou o vale do Paraíba e muito animado – declaradamente animado – em relação aos resultados do pleito no Estado.

Ninguém espera, de fato, que o procer mineiro possa superar, ou mesmo aproximar-se, da votação que aqui vai ter o sr. Getulio Vargas. Mas o que afirmam hoje os seus amigos é que o seu contingente eleitoral tem engrossado surpreendentemente, nos ultimos dias e tende a aumentar mais ainda, de tal maneira que será facil descontar nos outros estados – em Minas principalmente – a diferença que aqui por ventura possa ter o sr. Getulio Vargas.n/.../ (FN, 21/09/1950)

No excerto destacado em (4) é possível observar uma nítida avaliação positiva da figura, campanha e possibilidades de vitória do candidato do PSD, Cristiano Machado, frente ao adversário da coligação PTB-PSP, Getúlio Vargas, embora o candidato pessedista viesse a amargar um distante terceiro lugar nas eleições presidenciais de 3 de outubro de 1950. Essa posição, evidenciada já a princípio pela própria estratégia de referenciação adotada (o prócer), é manifesta por variados recursos interpessoais mobilizados pelo jornalista, tendo em vista a conduzir o leitor a adotar o ponto de vista ostentado no texto: em primeiro lugar, recorre a um significado atitudinal associado à emoção, mediante o relato emocional dos membros do grupo do candidato (*a intensa expectativa*). Segue-se, nesse percurso, julgamentos acerca da tenacidade que se espera socialmente de um candidato presidencial (*Ninguém, entretanto, parece mais otimista e mais seguro de um resultado eleitoral favorável que o proprio sr. Cristiano Machado; demonstra o procer das Alterosas uma simpatia especial pela imprensa e esta sempre disposto [...] a um batepapo com os seus representantes*)

O engajamento à posição referida vem materializado em diversos segmentos do texto, seja apresentando a proposição como altamente plausível, suprimindo ou descartando posições alternativas (*dessa conversa de poucos minutos, o que se pode assegurar é que o sr. Cristiano Machado está positivamente encantado [...] e muito animado*) ou ancorando a proposição diretamente em uma voz externa (*declaradamente animado; como ele proprio disse; o que afirmam hoje os seus amigos*).

No plano argumentativo, essa série de relações interpessoais instaura, para além de alguns argumentos calcados na estrutura do real (*A verdade, porem, é que se vem observando, nos ultimos dias, uma sensivel melhora, no que respeita às possibilidades da candidatura mineira*), a primazia dos argumentos de autoridade, acionados, em especial, pela estratégia de engajamento descrita no parágrafo anterior.

Cumpré destacar que, para Fairclough (2001), o grau de abertura para manifestação de diferentes “vozes” no interior de um texto pode constituir um importante ponto para o entendimento da forma como esse mesmo discurso pretende atingir o consenso hegemônico, a partir de um amplo processo ideológico. Dessa maneira, uma questão inicial para a análise é a verificação de quais vozes são incluídas e quais são excluídas, e aí se poderá notar ausências significativas. Analisando-se aquelas que estão presentes, torna-se interessante examinar a relação que se estabelece entre as vozes articuladas.

Em (4), apenas o ponto de vista do candidato do PSD e seu grupo são representadas, com amplo engajamento do(s) autor(es) do texto, o que assegura a possibilidade de uma apresentação hegemônica da candidatura e das perspectivas de Cristiano Machado. Suprimindo a perspectiva das candidaturas adversárias de Getúlio Vargas e do candidato

da UDN, Eduardo Gomes, assume-se na matéria presunções posicionadas, conectadas a relações de dominação. E, conforme afirmam Resende e Ramalho (2006, p. 49), relações de poder são mais eficientemente sustentadas por significados tomados como tácitos, pois “a busca pela hegemonia é a busca pela universalização de perspectivas particulares”.

Essa estratégia, aliás, apresenta-se como extremamente produtiva no gênero textual sob análise, conforme se pode observar em (5):

(5) **ESPERANÇA DE ÁGUA SE TORNA O MAIOR CABO ELEITORAL DO SERTÃO**

**Projeto de transposição do São Francisco mobiliza eleitores mais até que o Bolsa Família; “vou votar na candidata do Lula, é a Dilma né?”, diz moradora de Brejo Santo, a 530 km de Fortaleza**

**BERNARDO MELLO FRANCO**

ENVIADO ESPECIAL AO NORDESTE

Aos 36 anos, a cearense Aparecida Martins se orgulha em exibir a televisão com antena parabólica, comprada ano passado, mas não sabe o que é ter banheiro ou girar uma torneira em casa. Todas as manhãs, ela caminha até o leito seco de um rio. Some por um buraco estreito e reaparece com uma lata de água barrenta, para matar a sede e cozinhar. Vive na zona rural de Brejo Santo, a 530 km de Fortaleza. Há duas semanas, recebeu uma “moça da cidade”, que foi “ensinar a votar”. Analfabeta, não decorou os números dos candidatos, mas colou na porta um cartaz com a foto do presidente Lula ao lado de Dilma Rousseff e de quatro políticos cearenses que disse não conhecer. “Botei só por causa do Lula”, contou. “Vou votar na candidata dele, essa mulher aqui. É a Dilma, né?” Aparecida vive na rota da transposição do rio São Francisco. É a maior obra da gestão petista no Nordeste: promete levar água a 12 milhões de sertanejos em quatro Estados (Pernambuco, Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte), ao custo de R\$ 4,6 bilhões.

**E S P E R A N Ç A**

O projeto só deve funcionar a pleno vapor em 2013, mas criou uma onda de otimismo nas áreas mais castigadas pela seca e se transformou num poderoso cabo eleitoral de Dilma na região. “Nossa esperança primeiramente é Deus. Depois é essa obra do Lula”, disse a paraibana Francisca de Fátima Ramos, 47. Ela mora num povoado rural de São José de Piranhas, a 490 km de João Pessoa. A paisagem é marcada por casas simples, chão rachado e nuvens de poeira. “Aqui não adianta furar poço porque não sai nada”, contou. Nos meses sem chuva, a comunidade é abastecida por um carro-pipa, que está quebrado. A prefeitura não providenciou o conserto, e os moradores estão sobrevivendo graças a jegues, que carregam dois barris por vez. Como a maioria dos conterrâneos ouvidos pela Folha na semana passada, Francisca definiu o voto sem saber muito sobre a candidata à Presidência. “Aqui todo mundo é Dilma. A gente não tem conhecimento de ela ter feito alguma coisa, mas o Lula fez muito”, justificou. Faxineira num posto de saúde da cidade, ela repetiu outra ideia comum na região: o medo de que a transposição fique no papel em caso de derrota da petista: “Se o José Serra ganhar ele vai parar tudo, não vai?” A esperança em ver as águas do São Francisco no semiárido é tão grande que muitos sertanejos esquecem outras vitrines do governo, como o Bolsa Família, ao justificar o voto em Dilma. “O dinheiro da Bolsa é bom, mas a água é melhor. Sem água a gente não faz nada”, disse Maria Raimunda da Silva, 56, de Brejo Santo. A aposentada recebe R\$ 134 do programa, mas pertence a uma espécie de elite local: ao contrário da vizinha Aparecida, tem seu próprio jegue e não precisa carregar as latas d’água na cabeça. “Ele é que nem um carro. Trabalha o dia todinho e não se enfada”, contou. “O jumento é melhor que o burro. Não reclama e dá pra botar criança em cima.”

A região em que as duas amigas vivem foi desapropriada há três anos, mas ninguém sabe a data do despejo. Por enquanto, Raimunda se ocupa de brigar com o marido para frequentar um curso noturno de alfabetização, na escola do município. “Ele não quer que eu assine o nome, mas eu disse: “Então fique aí que eu vou”. E fui mesmo. Vai ter ciúme de uma velha?”, reclamou. Aparecida também frequenta as aulas, enquanto os dois filhos, por imposição do Bolsa Família, estão matriculados na escola. “Meu pai dizia que estudo não dá futuro, o que dá futuro é a roça. Mas ele tava errado, né?”

Em Cabrobó (PE), que cresceu à beira do Velho Chico e não sofre com a seca, a transposição é popular por outro motivo: a geração de empregos, que segundo o governo são 9.000 no total. O projeto prevê 622 quilômetros de canais. Os trechos construídos, com 25 metros de largura, já podem ser vistos em imagens de satélite. “Desde criança eu ouvia falar nessa obra”, disse Paulo Vieira, 64, que mora numa ilha do São Francisco. “Isso vai acabar com os políticos que levavam o caminhão-pipa e depois voltavam para pedir voto no sertão.”

A maré lulista isola os críticos do projeto, liderados pelo MST e pela Comissão Pastoral da Terra. Eles alegam que a transposição vai beneficiar os latifundiários e que não há garantia de que a água chegará aos mais pobres, o que é contestado pelo governo. Exibidas no programa de Dilma, as imagens da obra se multiplicam no horário eleitoral de aliados pelo Nordeste. Poucos políticos ousam atacá-la, como o vereador cabroboense e líder indígena Neguinho Truká. “Sou do PT, mas discordo radicalmente da obra”, afirma. “A propaganda diz que vai ter uma torneira em cada casa, e a gente sabe que isso não vai acontecer nunca.” (FSP, 22/09/2010).

Cumprido observar que os recursos avaliativos, bem como todo o processo persuasivo de forma geral, emergem de modo bastante camuflado, em contraposição aos textos anteriores. Primeiramente, ganha destaque uma descrição pormenorizada dos aspectos geográficos da região habitada por uma das entrevistadas, de suas condições de vida e de traços de sua mentalidade política. Tal estratégia, aliás, permeia toda a matéria em questão e constitui-se, por si só, em um meio de prova, mediante a apresentação, nos termos de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), de um conjunto de opiniões atinentes à estrutura do real criada pelo orador. Vale destacar, a esse propósito, que ao estabelecerem o conceito de argumentação calcado na estrutura do real, os autores destacam que este não se refere, propriamente, a uma “descrição objetiva do real”, “mas da maneira pela qual se apresentam as opiniões a ele concernentes” (p. 298). Assim, “no discurso encarado como realidade, o significado atribuído à ligação argumentativa, ao que justifica o ‘portanto’, variará conforme o que dela diz o orador e também conforme as opiniões do ouvinte a esse respeito” (p. 299).

No caso específico do texto em análise, a repetição dos aspectos característicos do cotidiano das entrevistadas vai tecendo, estrategicamente, uma ilusão de objetividade, o que vem reforçado por outros mecanismos. A ausência de julgamentos, por parte do enunciador, aliados à estratégia de pinçar fragmentos da fala das entrevistadas e colocá-los em um determinado contexto mais amplo, permitem que as avaliações sejam negociadas intersubjetivamente. Na realidade, a descrição essencialmente “factual” tem o potencial de posicionar o leitor para uma avaliação negativa da estratégia eleitoral da campanha de Dilma Rousseff, sobretudo no que concerne às questões de caráter ético e, mais especificamente, às condições de sinceridade dessa estratégia.

Notemos que todos os fragmentos referentes às justificativas, dadas pelos eleitores, a propósito do voto em Dilma, possuem o marcador conversacional *né?, não é?*, o que, além de colocar o trecho como um retrato fiel da fala desses locutores, funciona como uma pergunta retórica à mercê de uma confirmação, sinalizando que a participação de outro interlocutor é explicitamente solicitada. Assim, tomam ares de opiniões construídas a partir de outros discursos que, por si só, necessitam da aprovação discursiva ou confirmação de outras fontes consideradas, por esses locutores, como confiáveis (*Vou votar na candidata dele, essa mulher aqui. É a Dilma, né?; Se o José Serra ganhar ele vai parar tudo, não vai?*, dentre outras). Na realidade, a reprodução da fala dos entrevistados, seja mediante o emprego do discurso indireto, seja mediante o emprego do discurso direto, corrobora para a construção da imagem dos entrevistados como pessoas extremamente simples, sujeitas às mais variadas formas de manipulação e, por conseguinte, de uma campanha

disposta a explorar os dividendos da simplicidade e das condições adversas vividas por esses eleitores.

Há, portanto, ainda que de modo bastante velado, uma tensão um distanciamento entre o posicionamento assumido pelo autor do texto e o discurso citado, sinalizando um “engajamento por oposição” em relação a tais enunciados. Notemos que esse “controle do contexto”, nos termos de Van Dijk (2008), aponta para a apresentação de uma seleção negativa dos conhecimentos e opiniões dos eleitores e da estratégia eleitoral da campanha de Dilma. Controlando os tópicos, “aquilo que poderá ou não ser dito”, operando seleções no nível lexical e, por fim, mediante as operações de controle no nível de especificidade e grau de completude do texto, com determinadas seqüências de eventos muito detalhados e claramente focalizados, o jornal vai estabelecendo uma forma extremamente eficaz e velada de controle ideológico.

### **Considerações finais**

Utilizando um material para análise que se procurou apresentar como representativo, ainda que de maneira muito breve, dos períodos distintos da história de república brasileira (a República Velha e a Era Vargas; a República Nova e, por fim, a Nova República), foi possível constatar, com a análise dos dados, no que se refere aos pontos de contato entre a análise crítica e a Retórica, que os mecanismos linguísticos acionados para o estabelecimento das relações interpessoais apresentados por Martin e White (2005) assumem, em grande parte, o papel de ancorar o desenvolvimento das estratégias argumentativas, em especial os argumentos baseados na estrutura do real, como o argumento pragmático e, sobretudo, o argumento de autoridade. Essa constatação ratifica a ênfase dada por Fairclough (1997) ao discurso citado no noticiário, bem como suas formas peculiares de instaurar determinados tipos de controle ideológico e consensos hegemônicos.

Mediante a breve comparação entre textos publicados ao longo do século XX e início do século XXI, fica ainda patente tanto que o discurso citado e, por conseguinte, o argumento de autoridade permeiam o gênero notícia quanto que, nem de longe, pode-se atribuir como característica do noticiário contemporâneo sobre as eleições um “relato objetivo dos acontecimentos recentes”. Na realidade, a ilusão da objetividade é construída mediante diversas estratégias camufladas de persuasão e controle, as quais puderam ser verificadas com a breve análise dos recursos interpessoais e dos tipos de argumentos empregados. Se em alguns textos do final do século XIX e da primeira metade do século XX constatamos toda sorte de argumentos, aliados a uma série de avaliações e outros recursos interpessoais, a análise do texto do século XXI ratifica a posição de Van Dijk (2008) de acordo com a qual, nas sociedades modernas, o poder exercido pelos jornais inclui maneiras mais sutis de influenciar, o que é obtido por meio do controle da quantidade e do tipo de informação. Administram, assim, a determinação da agenda da discussão pública, a relevância dos tópicos e, sobretudo, de qual maneira cada candidato deve ganhar espaço.

### **REFERÊNCIAS**

BAHIA, J. *Jornal, história e técnica*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1990. 448 p.

BORDIEU, P. *Outline of a theory of practice*. Cambridge: Cambridge University, 1991. 248 p.

- CHARAUDEAU, P. *O discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006. 285 p.
- FAIRCLOUGH, N. *Analysing Discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge, 2007. 288 p.
- \_\_\_\_\_. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001. 316 p.
- \_\_\_\_\_. *Critical Discourse Analysis: papers in the critical study of language*. London and New York: Longman, 1997. 265 p.
- FOLHA DE S. PAULO. *Projeto Editorial 1985-1986*. Novos rumos: Depois da redemocratização. São Paulo, 1985. Disponível em <[http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/proj\\_85\\_1parte.htm](http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/proj_85_1parte.htm)>. Acesso em: 28 set. 2009.
- HABERMAS, J. *The Theory of Communicative Action*. v. 1. London: Heinemann, 1984. 465 p.
- HALLIDAY, M. A. K. *An Introduction to functional grammar*. London: Hodder Arnold, 2001. 700 p.
- MARTIN, J. R.; WHITE, P. R. R. *The language of evaluation: appraisal in English*. New York/Hampshire: Palgrave Macmillan, 2005. 278 p.
- PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *O tratado da argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. 653 p.
- RESENDE, V. M.; RAMALHO, V. *Análise de discurso crítica*. São Paulo: Contexto, 2006. 158 p.
- VAN DIJK, T. A. *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto, 2008. 281 p.
- \_\_\_\_\_. Discurso, poder y cognición social. *Cuadernos*, n. 2, Año 2, 1994. Maestría en Lingüística. Escuela de Ciencia del Lenguaje y Literaturas. Disponível em: <[www.discursos.org/Art/Discurso,%20poder%20y%20cognici%F3n%20social.pdf](http://www.discursos.org/Art/Discurso,%20poder%20y%20cognici%F3n%20social.pdf)>. Acesso em: 6 jun. 2007.
- VELOSO, M.; MADEIRA, A. *Leituras brasileiras: itinerários no pensamento social e na literatura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. 212 p.
- WHITE, P. Valoração: a linguagem da avaliação e da perspectiva. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 4, n. especial, p. 178-205, 2004.
- WODAK, R. 2004. Do que trata a ACD: um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 4, n. especial, p. 223-243, 2004.